

UMA ARQUEOLOGIA DOS SABERES DA PESCA: AMAZÔNIA E NORDESTE

MORAES, Sérgio Cardoso de. *Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste*. Belém: EDUFPA, 2007. 178 p.

Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro*

O livro de Sérgio Cardoso de Moraes tem o mérito de desenredar, de forma clara e minuciosa, os saberes implicados na atividade pesqueira, no sentido de sua tradição. Atividade configurada como uma entre outras ações desenvolvidas pela humanidade, para a sua sobrevivência, no movimento de criação e transformação de elementos da natureza, desde as sociedades primitivas.

Com a publicação deste livro, originado de sua tese de doutoramento em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o autor possibilita a visibilização de um conhecimento tão pouco valorizado, que tem como base os saberes da tradição e, como ele argumenta, que passam de geração a geração, desenvolvem-se independentemente da academia e vêm se adequando às diversas mudanças climáticas, ecológicas e tecnológicas, sem abandonar os antigos conhecimentos.

Os saberes construídos ao longo da história, em torno das técnicas de captura dos peixes, são ressaltados por Moraes, como resultado de múltiplos conhecimentos que envolvem a conjugação entre técnica, definida como arte, habilidade e o meio ambiente. Pescar, enfatiza, é muito mais que a simples captura do peixe, envolve o domínio de uma variedade de ações: classificar, ordenar e diferenciar as espécies e os instrumentos utilizados.

Moraes identifica, no Brasil, por sua dimensão continental tanto de costa como de águas interiores, uma diversidade de estilos de pescaria nas diferentes regiões do país, levando também em conta a influência, nessa atividade, das técnicas utilizadas pelas populações indígenas e pelos colonizadores portugueses.

Apresenta os estilos de pescaria realizados nas regiões Norte, Sul, Sudeste e Nordeste do país, de forma descritiva e alguns deles de forma gráfica e outros, ainda, com fotos, com o objetivo de discutir a maneira como a pesca é ordenada

* Dra. em Psicologia Social pela PUC-SP. Profa. da Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: xiliribeiro@uol.com.br

e de identificar os mecanismos utilizados pelos pescadores em suas classificações.

Os apetrechos de pesca foram classificados em três categorias, sendo descritos na primeira aqueles que utilizam fisgas para ferrar os peixes, enquanto na segunda são apresentados os diversos tipos de rede, cuja ação de pesca é nomeada emalhar. Identifica esta técnica como introduzida no Brasil pelos portugueses, no período colonial, sendo utilizada amplamente até os dias de hoje, em águas interiores ou costeiras. Na terceira categoria são identificadas as armadilhas, construídas para prender o peixe, sendo a ação com esses apetrechos nomeada de despesca.

Além dessas categorias, descreve duas outras ações que, embora proibidas pelo seu caráter predador, ainda hoje são utilizadas, como o uso de ervas tóxicas que envenenam os peixes, muito praticada pelos índios, e de explosivos.

As técnicas de pesca a serem utilizadas e a identificação dos pontos pesqueiros e dos peixes requerem uma classificação e ordenação, que exigem um conhecimento do ecossistema no qual está inserido o pescador. A base desse conhecimento é discutida por Moraes, tendo como interlocutor Edgar Morin, que define o processo de construção do conhecimento como multidimensional e indissociável das relações sociais.

É com a metáfora do *bricoleur*, criada por Claude Lévi-Strauss (1976), que Moraes fundamenta suas observações relativas à criatividade do pescador na reconfiguração do material existente à sua volta, para localizar os pontos de pesca. Os pescadores recorrem a suas observações da natureza: o vento, a vegetação, os astros, o barulho e a dieta alimentar dos peixes, e a sua leitura dos fenômenos naturais que ocorrem em seu cotidiano, afirma o autor, descrevendo algumas técnicas utilizadas por eles para identificar a profundidade e o tipo de solo, o cardume e a espécie dos peixes.

A dialética entre cultura e conhecimento é considerada por Moraes como o movimento que dá sentido à vida e às práticas na pesca, possibilitando a relação dos pescadores com o seu meio. Apresenta como esse conhecimento vai se atualizando, nas diversas regiões do país, introduzindo criativamente inovações nas técnicas de captura dos peixes, como também nas de locomover o barco da terra para o mar e vice-versa.

A relação entre a cultura e a pesca é ainda mais enfatizada pelo autor ao abordar os mitos presentes na vida das populações tradicionais, nas quais estão inseridos os pescadores, bem como em suas práticas de pesca.

Os mitos descritos estão relacionados com a água e são vividos como parte da natureza. Observa que a variedade de versões nas diferentes regiões, como a das cobras da Lagoa de Estremoz, a da Cobra-grande de Alenquer e a da Cobra-Honorato do rio Tocantins, reflete as características locais e as épocas, mas independentemente do lugar, todos os que se utilizam das águas, pescadores e banhistas temem e respeitam tais mitos.

As explicações para os fenômenos da natureza, como também para o resultado da pescaria, boa ou má, dos acidentes com barcos ou pescadores são oriundas dos mitos, aponta Moraes. Entretanto, considera que eles não se restringem a essa função, vão além, fazem parte da vida, e para viver o mito é necessária a inserção na cultura e no cotidiano desses lugares.

A transmissão de geração para geração dos saberes construídos e reconstruídos culturalmente na atividade da pesca, como um processo educativo, envolve elementos míticos, imaginários, práticos e materiais, afirma Moraes, configurando a complexidade e multirreferencialidade da vida da pesca.

E para validar esse conhecimento, o autor elege três domínios de referência: a inferência, a interferência e a precaução. Define-os como saberes que são necessários para realizar as operações que levam à localização, identificação e captura dos peixes. Focaliza duas pescarias como exemplo - a pesca de *bloqueio*, no Estado do Pará e a pesca de *bater a buia*, no Rio Grande do Norte, para identificar os domínios referidos, a partir da descrição das ações desenvolvidas para realizá-las.

A inferência é observada na pesca de bloqueio, relacionando-a às ações de identificar, calcular a quantidade aproximada e o tamanho das espécies de peixes, com o auxílio de um instrumento construído com folhas de palmeiras da Amazônia e que exige habilidade e destreza do pescador. A interferência é identificada na pesca de bater a buia, na qual os pescadores utilizam varas de madeira para espantar os peixes em direção à rede e que exige conhecimento sobre o meio, o comportamento das águas, das espécies. A prevenção é associada a todas as atividades de pesca independentemente da região, refere-se às medidas de precaução para garantir uma boa pescaria, tanto na escolha das técnicas como na observação dos mitos e encantamentos.

Neste último domínio, Moraes dá uma atenção especial à presença ou ausência das mulheres na pesca, pontuando a relação entre a má sorte e a presença de mulheres grávidas ou menstruadas, considerando essa crença a razão de uma grande ausência do sexo feminino nas pescarias de alto mar ou mesmo de rios.

Podemos considerar que essas crenças têm sido superadas em alguns lugares, entretanto, provavelmente faltem registros da presença das mulheres em diversos tipos de pesca, inclusive em alto mar, antes restritos aos homens.

Apesar de focalizar a inferência e interferência em pescas específicas, o autor observa que os três domínios são inseparáveis, formando uma teia de saberes que sustentam as práticas desenvolvidas na atividade da pesca, permitindo a compreensão e valorização de um conhecimento construído de forma criativa e imbricada com a natureza e a cultura.